

POETIZANDO



1180-
60-1996

POETIZANDO

2ª Edição
novembro/94

MEB/MEC/ALCUIÇÃO
DE GOIÂNIA
PÇA. DOM EMANUEL, S/Nº - CE
Caixa Postal 174
CEP 74.001-970 -- GOIÂNIA

NEREDA
CENTRO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

POETIZANDO

Seleção e organização: Vera Barreto

Diagramação - Sebastião Xavier e Vera Barreto

Desenho - Sebastião Xavier e Eloi Ramos

VEREDA - Centro de Estudos em Educação

Rua Purpurina, 287 - CEP 05435-030

São Paulo SP - telefone e fax (011)210-5249

Poesia

A poesia, como toda literatura, provoca nossa imaginação, mexe com nossos sentimentos e transmite beleza. Este livro reúne algumas poesias com a intenção de aproximar você do prazer de ler literatura.

Existe uma infinidade de outras poesias escritas que você pode encontrar em outros livros. Mas a poesia não existe apenas nos livros. Ela está também na sua cabeça e nos seus sentimentos. Você pode transmiti-la aos outros se tiver vontade de usar o lápis ou caneta para escrevê-las. Leia este livro com o coração aberto e depois anime-se. Ponha para fora o que lhe vai na alma.

**Este material foi produzido em parceria com o
Movimento de Educação de Base (MEB)
Projeto: Alfabetização em Parceria**

Índice

	Pág.		
APRESENTAÇÃO	3	* Valsinha - Chico Buarque	29
ELOGIO AO APRENDIZADO - Bertold Brecht	7	* Canção de Amor - Paulinho da Viola	30
TERRA NATAL		TRABALHO	
* Cidadezinha Qualquer - Carlos Drummond de Andrade	11	* O Chão e o Grão - Cecília Meirelles	33
* Canção do Exílio - Gonçalves Dias	12	* Canga - Persival Moreira Coelho	34
* Luar do Sertão - Catulo da Paixão Cearense	13	* A Mão da Limpeza - Gilberto Gil	35
* Para comer depois - Adélia Prado	14	* Estas Mãos - Cora Coralina	36
INFÂNCIA		* Competição - Cassiano Ricardo	38
* Meus oito anos - Casimiro de Abreu	17	MOMENTOS	
* Fazenda Próspera - Ruth Rocha	18	* Quadras - Patativa do Assaré	41
* Verossímil - Adélia Prado	19	* Cantiga - Manuel Bandeira	42
FAMÍLIA		* Cordiais Saudações - Noel Rosa	43
* Infância - Cora Coralina	23	* Poeminha Cinético - Millor Fernandes	44
* Ensino - Adélia Prado	24	REFLEXÃO	
AMOR		* Das Pedras - Cora Coralina	47
* Quadrilha - Carlos Drummond de Andrade	27	* Pau de Sebo - Solano Trindade	48
* Toada de Amor - Carlos Drummond de Andrade	28	* Dois e Dois : Quatro - Ferreira Gullar	50
		BIOGRAFIAS	53

Elogio do aprendizado

Bertold Brecht

Aprende o que é mais simples!
Para aqueles cujo momento chegou,
nunca é tarde demais.
Aprende o ABC: não basta,
mas aprenda - o ! Não desanimes !
Tens de assumir o comando !

Aprende, homem no refúgio !
Aprende, homem na prisão !
Mulher na cozinha, aprende !
Aprende, sexagenário !
Tens de assumir o comando !
Procura a escola, tu que não tens casa !
Cobre - te de saber, tu que tens frio !
Tu, que tens fome, agarra o livro : é uma arma !
Tens de assumir o comando !

Não tenhas medo de fazer perguntas :
não te deixes levar por convencido,
vê com teus próprios olhos !
O que não sabes por experiência própria,
a bem dizer, não sabes.
Tira a prova da conta :
és tu quem vais pagar !
Aponta o dedo sobre cada item,
pergunta : como foi parar aí ?
Tens de assumir o comando !



Terra Natal



Paisagem
Bonadei

Cidadezinha Qualquer

Carlos Drummond de Andrade

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.

Devagar...as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus.

Canção do Exílio

Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá,
Sem qu'inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.



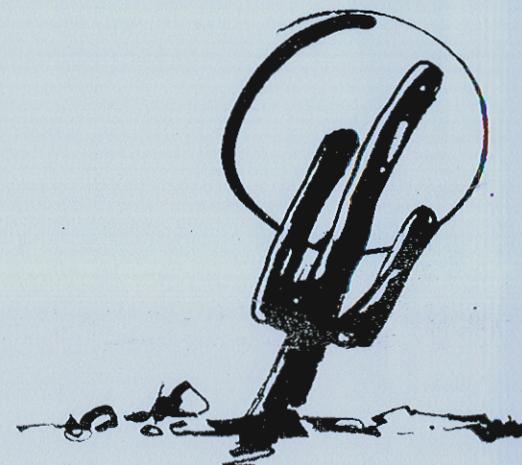
Luar do Sertão

Catulo da Paixão Cearense

Não há , ó gente, ó não
Luar como este do sertão.

Ó, que saudades do luar da minha terra
Lá na serra prateando folhas secas pelo chão
Esse luar cá da cidade, tão escuro
Não tem aquela saudade do luar do meu sertão.

Se a lua nasce por detrás da verde mata
Mais parece um sol de prata prateando a escuridão.
A gente pega na viola que ponteia
E a canção é a lua cheia a nos nascer no coração.



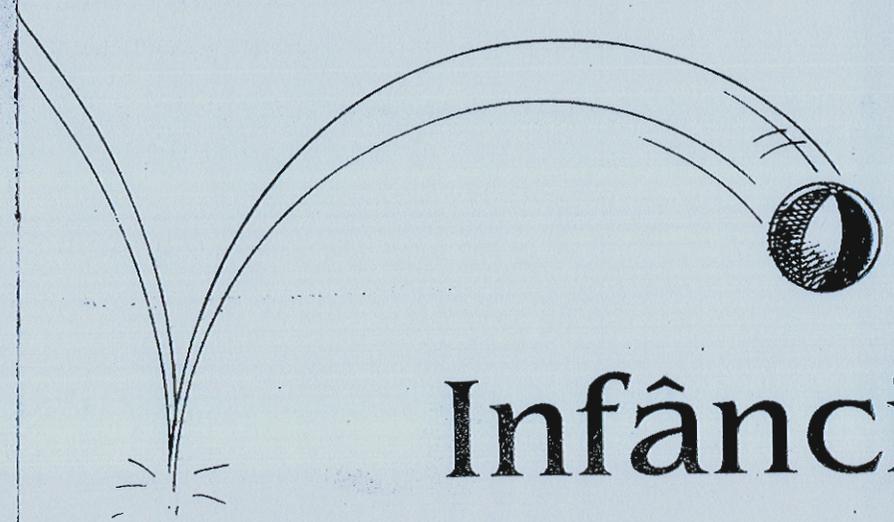
Para comer depois

Adélia Prado

Na minha cidade nos domingos de tarde,
as pessoas se põem na sombra com faca e laranjas.

Tomam a fresca e riem do rapaz de bicicleta,
a campainha desatada, o aro enfeitado de laranjas:
"Eh bobagem !"

Daqui a muito progresso tecno - ilógico,
quando for impossível detectar o domingo
pelo sumo das laranjas no ar e bicicletas,
em meu país de memória e sentimento,
basta fechar os olhos :
é domingo, é domingo, é domingo.



Infância

Meus oito anos

Casimiro de Abreu

Oh! que saudades que tenho
da aurora da minha vida,
da minha infância querida
que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
naquelas tardes fagueiras
à sombra das bananeiras
debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
do despontar da existência!
-Respira a alma inocência!
como perfumes a flor;
o mar é - lago sereno,
o céu - um manto azulado,
o mundo - um sonho dourado,
a vida - um hino d' amor! (...)

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
eu tinha nessas delícias
de minha mãe as carícias
e beijos de minha irmã! (...)

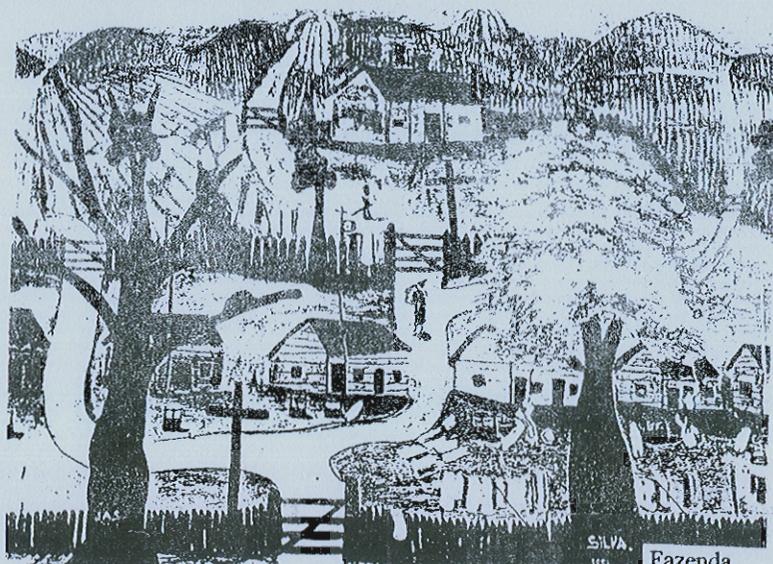
Naquele tempo ditoso
ia colher as pitangas,
trepava a tirar as mangas,
rezava às Ave - Marias,
achava o céu sempre lindo,
adormecia sorrindo
e despertava a cantar! (...)

Fazenda Próspera

Ruth Rocha

Tempo de araçá e de manga,
Tempo de milho e de pitanga,
Tempo de jaboticaba.
De carambola e de cana,
De gabioba e de banana,
De laranja e de goiaba.

Tempo de calor e de frio,
Tempo de chuva e de estio,
Tempo de flor e semente,
Da florada que floresce,
Da fruta que amadurece,
Tempo da infância da gente...



SILVA
Fazenda
José Antônio da Silva



Vênus
Milton Dacosta

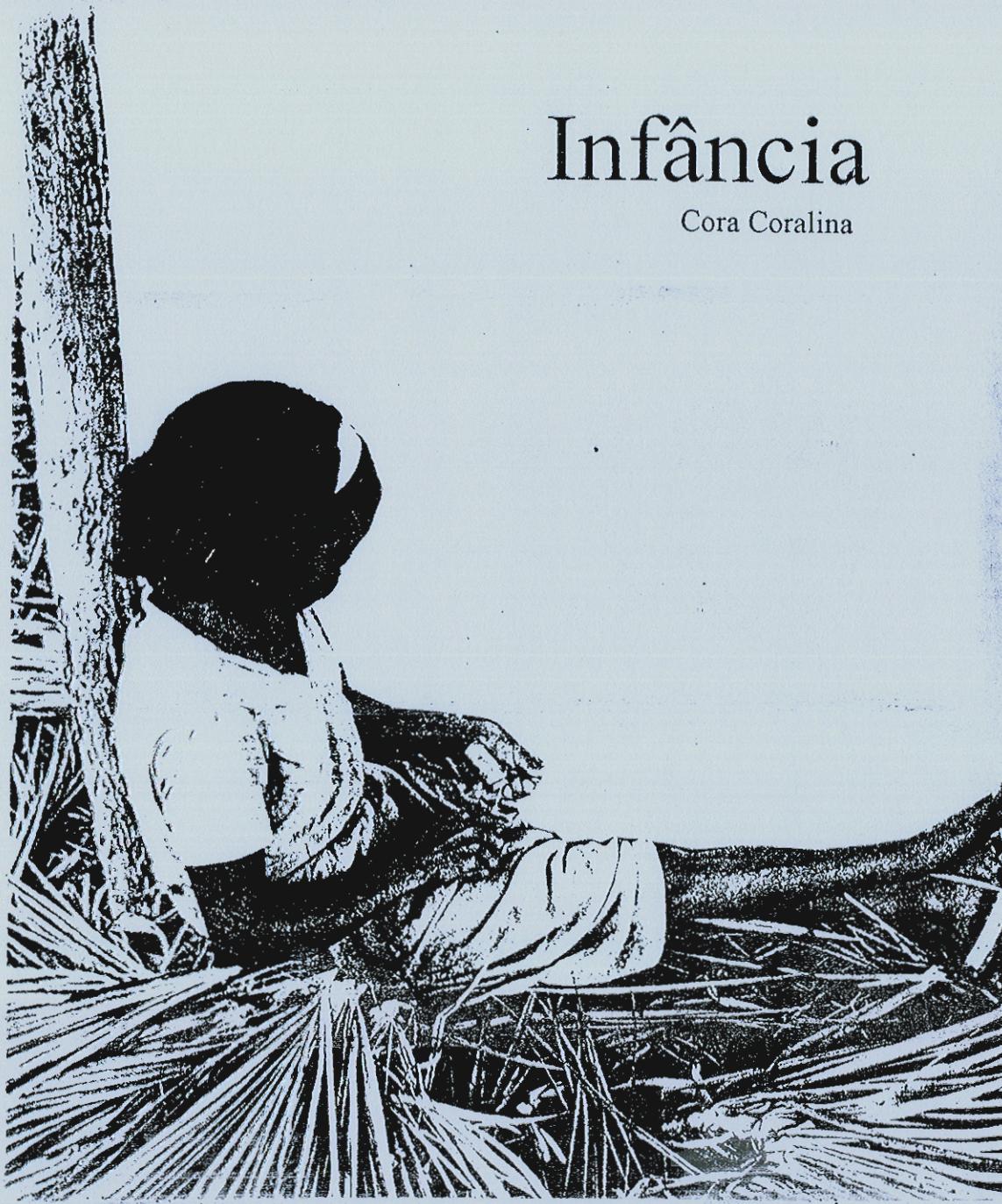
Verossímil

Adélia Prado

Antigamente, em maio, eu virava anjo.
A mãe me punha o vestido, as asas,
me enalcava a coroa na cabeça e recomendava:
"Canta alto, espevita as palavras bem !"
Eu levantava vôo rua acima.



Família



Infância

Cora Coralina

Éramos quatro as filhas de minha mãe.
Entre elas ocupei o pior lugar.
Duas me precederam - eram lindas, mimadas.
Devia ser a última, no entanto,
veio outra que ficou sendo a caçula.

Quando nasci, meu velho pai agonizava,
logo após morria.
Cresci filha sem pai,
secundária na turma das irmãs.

Eu era triste, nervosa e feia.
Amarela, de rosto empalamado.
De pernas moles, caindo à toa.
Os que assim me viam - diziam :
" - Essa menina é o retrato vivo
do velho pai doente".
Tinha medo das histórias
que ouvia, então, contar:
assombração, lobisomem, mula - sem - cabeça.
Almas penadas do outro mundo e do capeta.
Tinha as pernas moles
e os joelhos sempre machucados,
feridos, esfolados.
De tanto que caía.
Caía a toa.

Ensinamento

Adélia Prado

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.

Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
ela falou comigo:
"Coitado, até essa hora no serviço pesado."
Arrumou pão e café,
deixou tacho no fogo com água quente.

Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo.



Amor

Quadrilha

Carlos Drummond de Andrade

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.

João foi para o Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou- se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.



Toada do Amor

Carlos Drummond de Andrade

E o amor sempre nessa toada:
briga perdoa perdoa briga.

Não se deve xingar a vida,
a gente vive, depois esquece.
Só o amor volta para brigar,
para perdoar,
amor cachorro bandido trem.

Mas, se não fosse ele, também
que graça que a vida tinha?

Mariquita, dá cá o pito,
No teu pito está o infinito.

Valsinha

Chico Buarque

Um dia ele chegou tão diferente
Do seu jeito de sempre chegar
Olhou - a de um jeito muito mais quente
Do que sempre costumava olhar
E não maldisse a vida tanto
Quanto era seu jeito de sempre falar
E nem deixou - a só num canto
Pra seu grande espanto
Convidou - a pra dançar

Então ela se fez bonita
Como há muito tempo
Não queria ousar
O seu vestido decotado
Cheirando a guardado
De tanto esperar
Depois os dois deram - se os braços
Como há muito tempo
Não se usava dar
E cheios de ternura e graça
Foram para a praça
E começaram a se abraçar

E aí dançaram tanta dança
Que a vizinhança toda despertou
E foi tanta a felicidade
Que toda a cidade
Se iluminou
E foram tantos beijos loucos
Tantos gritos roucos
Como não se ouvia mais
Que o mundo compreendeu
E o dia amanheceu em paz.

Canção do Amor

Paulinho da Viola

Hoje eu vim, minha nega
Como venho, quando posso
Na boca, as mesmas palavras
No peito, o mesmo remorso
Nas mãos, a mesma viola
Onde gravei o teu nome.

Hoje eu vim, minha nega
Andar contigo no espaço
Tentar fazer em teus braços
Um samba puro de amor
Sem melodia ou palavras
Pra não perder o valor

Hoje eu vim, minha nega
Sem saber nada da vida
Querendo aprender contigo
A forma de se viver...
As coisas estão no mundo
Só que eu preciso aprender...



Trabalho

O chão e o pão

Cecília Meireles

O chão.

O grão.

O grão no chão.

O pão.

O pão e a mão.

A mão no pão

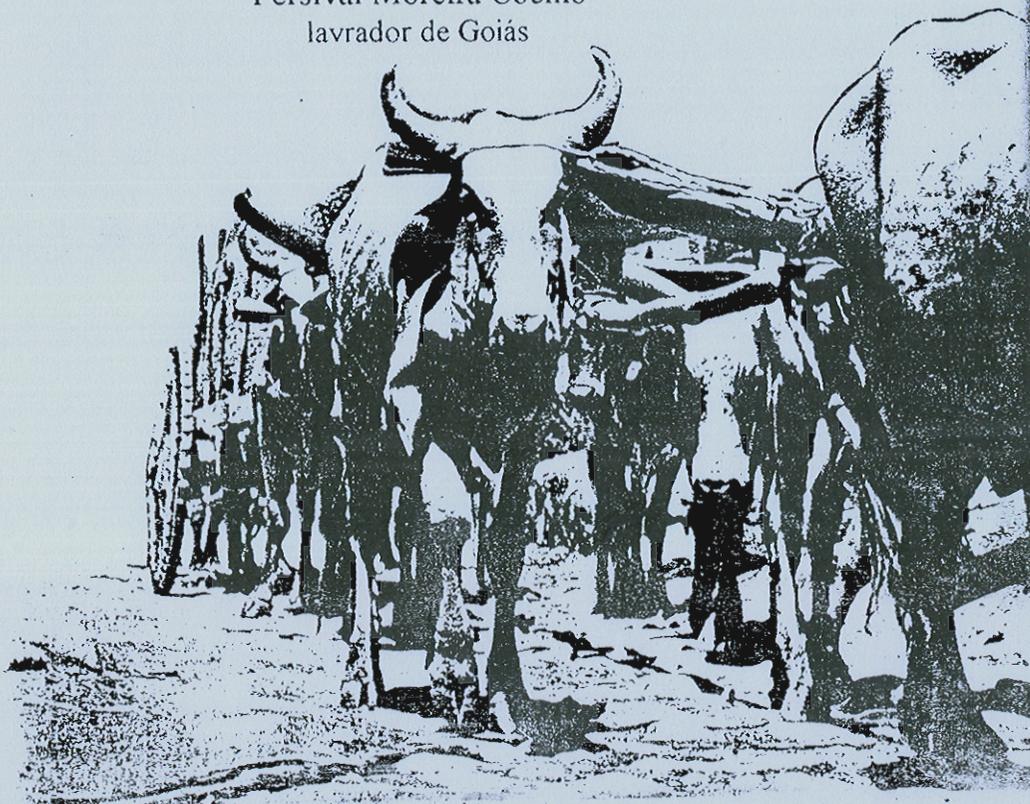
O pão na mão

O pão no chão ?

Não.

"Na canga do boi de carro
tem gente amarrado lá.
Gente não é boi de carro
pro carro de boi puxá.
Gente tem mente que gira,
mente que pode girá :
gira a mente do carreiro
a canga pode quebrá."

Persival Moreira Coelho
lavrador de Goiás



A mão da limpeza

Gilberto Gil

O branco inventou que o negro
Quando não suja na entrada
Vai sujar na saída.
Imagine só, vai sujar na saída...
Que mentira danada, ê.

Na verdade, a mão escrava
Passava a vida limpando
O que o branco sujava.
Imagina só o que o negro penava, ê.

Mesmo depois de abolida a escravidão
Negra é a mão de quem faz a limpeza
Lavando a roupa encardida
Esfregando o chão...

Negra é a mão da pureza
Negra é a vida consumida ao pé do fogão
Negra é a mão nos preparando a mesa
Limpando a mancha do mundo com água e sabão.

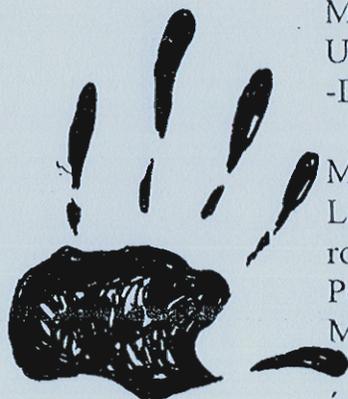
Na verdade, a mão escrava
passava a vida limpando o que o branco sujava
Êta, branco suja!

Estas

Olha para estas mãos
de mulher roceira,
esforçadas mãos cavouqueiras.

Pesadas, de falanges curtas,
sem trato e sem carinho.
Ossudas e grosseiras.

Mãos que jamais calçaram luvas.
Nunca para elas o brilho dos anéis.
Minha pequenina aliança.
Um dia o chamado heróico emocionante:
-Dei Ouro para o Bem de São Paulo.



Mãos que varreram e cozinham.
Lavaram e estenderam
roupas nos varais.
Poupavam e remendaram
Mãos domésticas e remendonas.

Íntimas da economia,
do arroz e do feijão
da sua casa.
Do tacho de cobre,
Da panela de barro.
Da acha de lenha.
Da cinza da fomalha.
Que encestavam o velho barreleiro
e faziam sabão.

Mãos

Cora Coralina

Minhas mãos doces...
Jamais ociosas.
Fecundas, imensas e ocupadas.
Mãos laboriosas.
Abertas sempre para dar, ajudar, unir e abençoar.

Mãos de sementeador
Afeitadas à sementeira do trabalho.
Minhas mãos raízes
Procurando a terra.

Semeando sempre
Jamais para elas
os júbilos da colheita.

Mãos tenazes e obtusas,
feridas na remoção de pedras e tropeços,
quebrando as arestas da vida.
Mãos alavancas
na escava de construções inconclusas.

Mãos pequenas e curtas de mulher
que nunca encontrou nada na vida.
Caminheira de uma longa estrada.
Sempre a caminhar.
Sozinha a procurar,
o ângulo perdido, a pedra rejeitada.



Competição

Cassiano Ricardo

O mar é belo.
Muito mais belo é ver um barco
no mar.

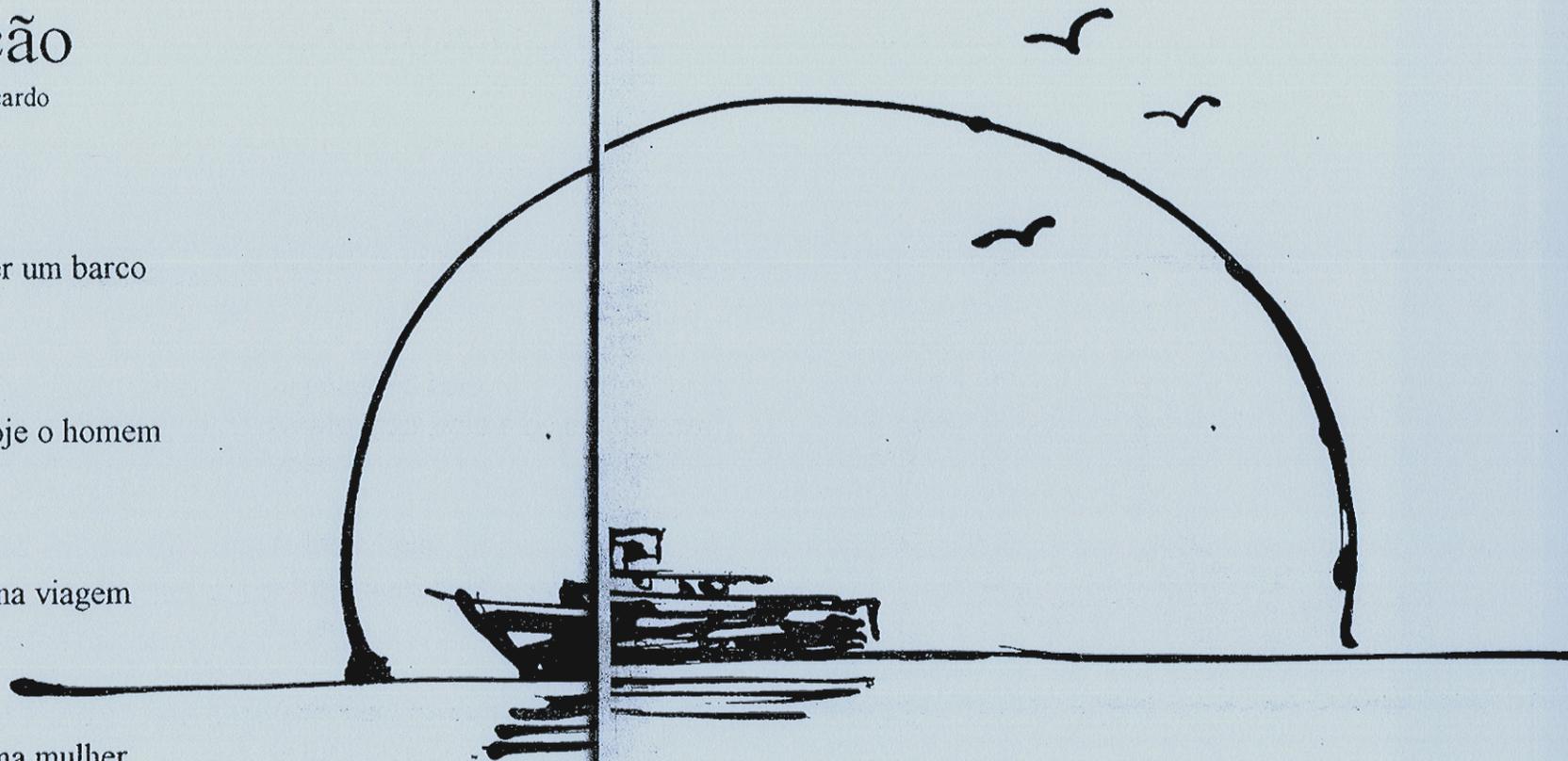
O pássaro é belo.
Muito mais belo é hoje o homem
voar.

A lua é bela.
Muito mais bela é uma viagem
lunar.

A onda é bela.
Muito mais bela é uma mulher
nadar.

Bela é a montanha.
Muito mais bela é o túnel para alguém
passar.

O mar é belo.
Muito mais belo é ver o barco
no mar.



Momentos



Quadras

Patativa do Assaré

Cada um alegre vai
Atrás de sua ventura
Mas tudo tropeça e cai,
No fundo de sepultura.

Somente o rico na terra
Tem o seu nome na História
Quando o pobre vence a guerra,
O rico alcança a vitória.

Acho melhor ser amado
Sem possuir um vintém,
Do que ser muito abastado
Sem ninguém me querer bem.

Cantiga

Manuel Bandeira

Nas ondas da praia
Nas ondas do mar
Quero ser feliz
Quero me afogar

Nas ondas da praia
Quem vem me beijar ?
Quero a estrela d'alva
Rainha do mar

Quero ser feliz
Nas ondas do mar
Quero esquecer tudo
Quero descansar.

Cordiais Saudações

"Estimo que este mal traçado samba
No estilo da intimidade
Vá te encontrar gozando saúde
Na mais completa felicidade
(Junto dos teus, confio em Deus)

Em vão te procurei.
Notícias tuas não encontrei
Eu hoje sinto saudades
Daqueles dez mil reis que eu te emprestei
Beijinhos no cachorrinho,
Muitos abraços no passarinho,
Um chute na empregada,
Porque já se acabou o meu carinho.

A vida cá em casa está horrível,
Ando empenhado nas mãos de um judeu.
O meu coração vive amargurado
Pois minha sogra ainda não morreu
(Tomou veneno e quem pagou fui eu)

Sem mais, para acabar
Um grande abraço,
Queira aceitar
De alguém que está com fome
Atrás de algum convite pra jantar.
Espero que notes bem
Estou agora sem um vintém.
Podendo manda - me algum...
Rio, 7 de setembro de 31
(Responde que eu pago o selo...)

Noel Rosa

Poeminha Cinético

Millor Fernandes

Era um homem bem vestido
Foi beber no botequim
Bebeu muito, bebeu tanto
Que

s i
a u
e
d
á
l
s i
a s m.

As casas passavam em volta
Numa procissão sem fim
As coisas todas rodando

Assim assim assim
assim assim assim
assim assim assim
assim assim assim
assim assim assim

Reflexão

Das Pedras

Cora Coralina

Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta
e no alto subi.
Teci um tapete florado
e no sonho me perdi.

Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um companheiro.
Tudo de pedra.

Entre pedras
cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores.

Entre pedras que me esmagavam
Levantei a pedra rude
dos meus versos.



Pau de Sebo

Solano Trindade

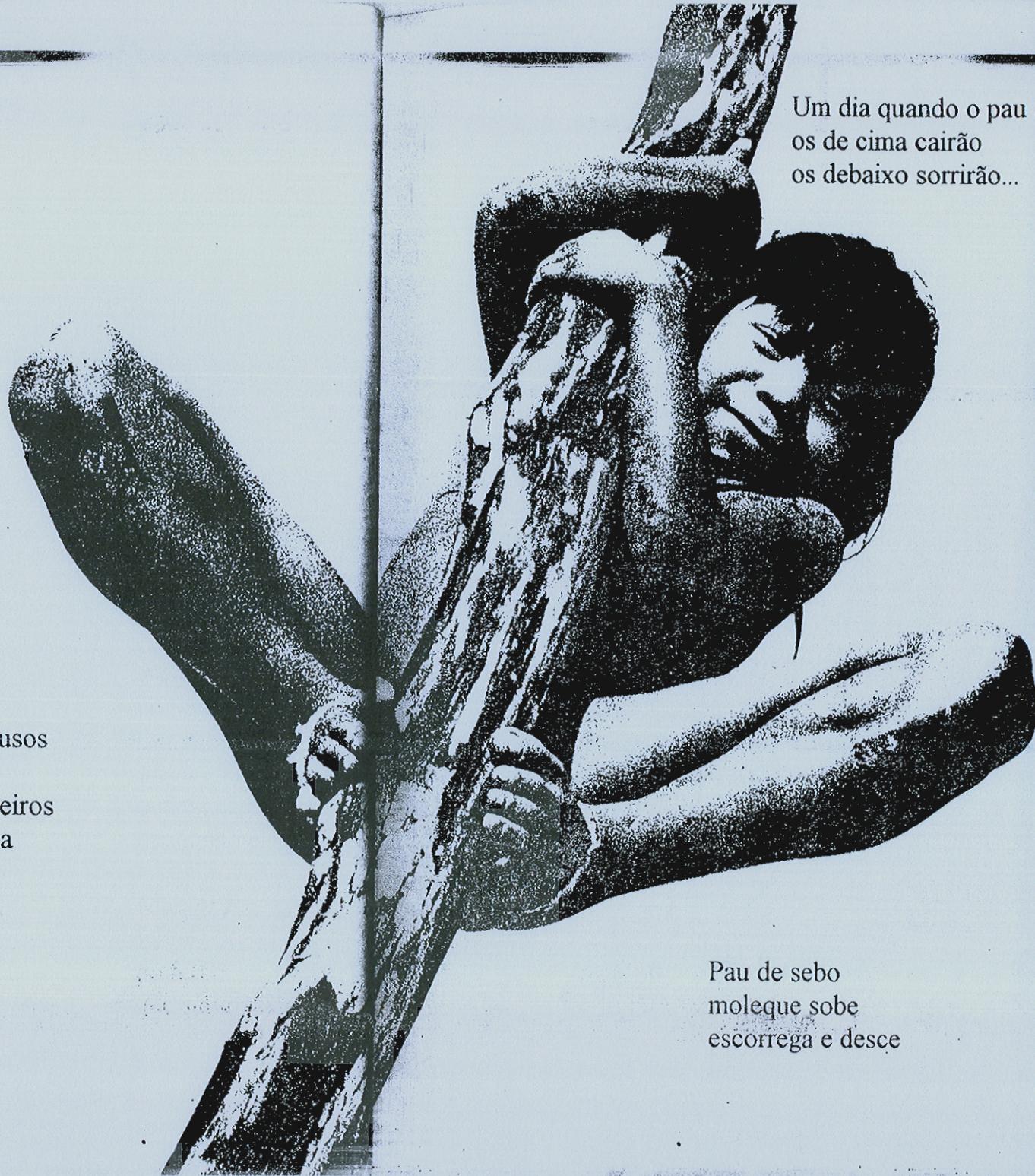
Pau de sebo
de minha meninice
moleque sobe
escorrega e desce

a vida é um pau de sebo
a gente pra chegar em cima
tem que sujar as mãos

cruzeiros voando na ponta
do pau de sebo da vida
quem chega ao fim tem aplausos
quem não chega leva vaia
quem chega ao fim tem cruzeiros
quem não chega tem pancada

Muitos não querem subir
no pau de sebo da vida
preferem ficar em baixo
que subir sujando as mãos

Um dia quando o pau apodrecer
os de cima cairão
os de baixo sorrirão...



Pau de sebo
moleque sobe
escorrega e desce

Dois e Dois: Quatro

Ferreira Gullar

Como dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
embora o pão seja caro
e a liberdade pequena

Como teus olhos são claros
e a tua pele, morena

como é azul o oceano
e a lagoa, serena

como um tempo de alegria
por trás do terror me acena

e a noite carrega o dia
no seu colo de açucena

- sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena

mesmo que o pão seja caro
e a liberdade, pequena.



Biografias

Adélia Prado

Adélia Prado é mineira e vive desde que nasceu na cidade de Divinópolis. Além de escritora e musicóloga, mãe de 5 filhos e professora.

Adélia escreve de uma forma simples e solta. Suas personagens são pessoas comuns. Entre seus livros estão: Bagagem, Sobre os escombros, Terra de Santa Cruz.

Casimiro de Abreu

Casimiro José Marques de Abreu nasceu em 1839 e morreu ainda jovem, de tuberculose, no estado do Rio de Janeiro. Começou sua carreira de escritor em Lisboa. Voltou ao Brasil e continuou com os versos e o comércio. Sua poesia trata de temas ligados a saudade, da pátria, da família, da infância. Entre suas obras estão: Primavera, Canções e o juízo.

Ruth Rocha

Nasceu em São Paulo. Foi orientadora educacional em teatro. Descobriu sua capacidade de contar histórias com o nascimento de sua filha.

Em suas escritas fala dos problemas das crianças, da incompreensão dos adultos, da necessidade de liberdade. Escreveu: Marcelo, Marmelo, Martelo, O relizinho mandão.

Cara Coralino

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Dias nasceu em Goiás, em 1889 e morreu em 1985. Não depois de 1960 teve publicado seus poemas em várias antologias de poemas. Sua obra, reconhecida por importantes nomes da literatura, fala de assuntos ligados a vida diária com muita força e delicadeza. Escreveu: Poemas dos becos de Goiás, Vintém de cobre.

Bertold Brecht

Foi autor de teatro e poeta. Nasceu na Alemanha em 1898 e morreu em 1956. Foi socialista e desenvolveu a idéia do teatro com forma de participação política.

Suas obras são representadas no mundo inteiro e influenciam muitos autores. A peça Galileu Galilei é a sua obra-prima. São também conhecidos: Mãe Coragem, O Círculo de Giz.

Carlos Drummond de Andrade

Foi um dos maiores poetas brasileiros. Nasceu em 1902 em Itabira, Minas Gerais numa família de fazendeiros. Morreu no Rio de Janeiro em 1987. Escreveu poemas e prosas participando do grupo modernista. Começou a escrever em um jornal de Belo Horizonte. São suas as obras: A rosa do povo, Sentimento do mundo, Lição das coisas.

Gonçalves Dias

Antônio Gonçalves Dias nasceu em 1823, no Maranhão. Morreu em um naufrágio de navio quando voltava de uma viagem à Europa (1864). Estudou Direito mas não terminou o curso. Muitas de suas poesias falam de nossos indígenas. Entre seus livros estão: Os timbiras, Últimos Cantos.

Catulo da Paixão Cearense

Foi poeta e compositor popular. Nasceu no Maranhão em 1863 e morreu no Rio de Janeiro em 1946. Interpretou a natureza e o homem do sertão com versos de grande expressividade. Várias de suas poesias foram musicadas, como o Luar do Sertão. Entre estes livros estão: Meu Sertão, O testamento da árvore, Almas do Sertão.